



ADVERBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

Vol.16 - N. 31 | 2021 | ISSN 1808-883X

A REESTRUTURAÇÃO DO JORNALISMO AUDIOVISUAL POR MEIO DA PRODUÇÃO COM SMARTPHONE

Silvio Fausto de Matos Filho
Jéssica Carolina Moreira

A REESTRUTURAÇÃO DO JORNALISMO AUDIOVISUAL POR MEIO DA PRODUÇÃO COM *SMARTPHONE*

Silvio Fausto de Matos Filho¹
Jéssica Carolina Moreira²

RESUMO: Quando o celular foi inventado, em 1973, os jornalistas não imaginavam que um aparelho que realizava apenas ligações e não cabia no bolso seria, no século XXI, item componente de *kits* de reportagens e, até, um dos únicos equipamentos de geração de imagem para o jornalismo audiovisual, diminuindo equipes de, aproximadamente, quatro pessoas (motorista, auxiliar técnico, cinegrafista e repórter) a um único colaborador (videorrepórter). Esta pesquisa apresenta, por meio de teóricos e profissionais, uma discussão sobre a forma que os *smartphones* estão inseridos nas redações, como são usados, as vantagens e as desvantagens do equipamento e, ainda, os possíveis problemas que a produção com celular pode trazer, tanto ao jornalista quanto ao veículo de comunicação.

PALAVRAS-CHAVES: Jornalismo; *Smartphone*; Celular; *Mobile*; Audiovisual; Reestruturação.

¹ Jornalista formado pelo Centro Universitário FAG, Campus matriz, Cascavel - PR. Profissional da área jornalística com experiência em televisão e *web*. Conta com ampla atuação em jornal impresso e rádio, bem como assessoria de imprensa. Ganhador de dois prêmios Sangue Novo do Jornalismo Paranaense, 2019. *E-mails*: silviofilho98@gmail.com / sfmfilho@minha.fag.edu.br.

² Orientadora, professora de comunicação social - jornalismo - Centro Universitário FAG, Campus matriz, Cascavel - PR. Graduada em jornalismo e pós-graduada em docência para o ensino superior. Jornalista com experiência em televisão e *web*. Premiada nacionalmente como repórter de televisão pela FAO, Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. *E-mail*: jessicamoreiratv@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Quem imaginava que um telefone móvel, um dia, poderia conquistar as redações e se tornar instrumento de trabalho, que iria além do que simplesmente realizar ligações? Os celulares ou *smartphones* chegaram para ficar, quebrando paradigmas e mostrando que o que realmente importa no jornalismo é passar a informação de maneira clara, precisa e acessível para a população, independentemente da forma com que o vídeo, no caso dos veículos de comunicação audiovisuais, foi capturado.

Diversas empresas do ramo estão em processo de adaptação para implementar ou aperfeiçoar, nas produções, o uso dos *smartphones*, como reportagens do cotidiano, o que ocorre no Paraná e, especificamente, em Cascavel (RPC/Globo, TV Tarobá/Band, RIC/Record TV e Catve/Rede Cultura) e em outras partes do país e do mundo; fato amplamente vislumbrado durante a cobertura da pandemia do novo Coronavírus em 2020.

Esse período atípico modificou a prática jornalística e fez empresas de comunicação repensarem o método de trabalho. A RPC, afiliada da Globo, foi uma das que, rapidamente, iniciou o *home office*³ com parte do quadro de profissionais. Entre eles, está a repórter Dulcinéia Novaes. Em virtude da idade, ela se enquadra no grupo de risco, de acordo com as normativas da OMS (Organização Mundial da Saúde). A repórter poderia colocar a saúde em perigo indo trabalhar na sede da empresa ou realizando entrevistas na rua. O celular, que é o objeto desta pesquisa, tornou-se protagonista na rotina dos jornalistas, incluindo de Dulcinéia. O aparelho se mostrou essencial e, em muitos casos, é a única janela dos personagens⁴ das reportagens e dos jornalistas para telejornais e portais *web*.

A nível nacional, a CNN (*Cable News Network*) Brasil, que pertence à Novus Mídia, foi pioneira na implantação de videorepórteres⁵ de forma plena e permanente.

³ Termo destinado aos profissionais de diversas áreas que trabalham de casa, fora das empresas.

⁴ Termo atribuído às pessoas que compõem a reportagem: especialistas, fontes oficiais e população em geral.

⁵ São jornalistas que trabalham sozinhos. Eles saem às ruas e desempenham o trabalho de uma equipe inteira (cinegrafista, auxiliar técnico, repórter e motorista).

Reportagens e *links* ao vivo são produzidos a partir de celulares. O processo ocorre com os correspondentes da emissora espalhados pelo país. Na cobertura internacional, ocorre o mesmo processo, muitos jornalistas que trabalham na América do Norte e na Europa são videorepórteres.

E, em razão de tantos fatos, os profissionais estão passando por uma nova fase de absorção de funções, já que o aparelho provoca uma redução de capital humano nas empresas. Adentrando nas escolas ou academias de jornalismo, os docentes começam a trabalhar em sala as novas soluções, porque os estudantes precisam estar preparados para a realidade atual de mercado. Em disciplinas de telejornalismo ou de linguagem audiovisual, o aparelho se torna membro das produções universitárias e facilita o desenvolvimento destas, pois boa parte dos acadêmicos dispõe do celular, sem ter a necessidade de adquirir filmadoras ou câmeras fotográficas.

Este artigo, *A reestruturação do jornalismo audiovisual por meio da produção com smartphone*, aborda bibliografia técnica e material referente à cobertura da pandemia da Covid-19, amparando a discussão do ponto de vista evolutivo. Sendo a análise voltada, também, à figura do jornalista como agente no processo de mudança. A apresentação do equipamento, o crescimento nas redações e o protagonismo do celular no período são a raiz da pesquisa, que mostra que o jornalismo está em constante adaptação e pronto para potencializar diferentes recursos em prol da qualidade da informação.

Olhando para questões técnicas, os *smartphones* – visto a evolução dos aparelhos, que até superam filmadoras em questão de definição – chegam como uma forma de baratear custos de produção. Com o celular, um único profissional consegue, em tese, executar sua tarefa. Com o tempo, pode haver redução de procura por jornalistas, já que boa parte das equipes de reportagem, que ainda são compostas por duas, três e até quatro pessoas, poderá ter só uma.

Indo além do quesito técnico, os celulares geram aproximação e um ar “de igual para igual” com o espectador, deixando as fontes mais tranquilas e abertas às entrevistas, principalmente quando se necessita contar histórias com naturalidade. As pessoas tendem a se ver no outro e localizar algo em comum, com isso, os

smartphones conseguem superar barreiras impostas por grandes filmadoras, que chegam a assustar os entrevistados.

A pesquisa tem como objetivos específicos apresentar a forma de produção audiovisual de maneira sucinta; mostrar a realidade da produção atual por meio de entrevistas com jornalistas; checar as possibilidades de aproximação com as fontes jornalísticas; problematizar as consequências da tecnologia no quesito mudanças (demissões ou adaptação de funções nas empresas); verificar, junto a literatura e profissionais do jornalismo audiovisual, possíveis falhas técnicas e de conteúdo que a produção ágil pode acarretar; e analisar as possibilidades dos *smartphones* nas produções com base na cobertura jornalística da pandemia do novo Coronavírus.

Por meio do diálogo entre os autores, como Traquina (2005), Canavilhas (2017) e Erbolato (2003), pretende-se apresentar uma série de mudanças ocorridas no jornalismo em decorrência da implementação do uso de aparelhos *smartphones* nas redações. Para entender a realidade de mercado, entrevistas com profissionais da área são utilizadas com o intuito de aprimorar a discussão para analisar a forma com que estão levando a adaptação. Por fim, o estudo irá analisar parte dos veículos de comunicação que está em operação na nova realidade (Paraná e Brasil), por meio das produções das respectivas empresas.

O problema da pesquisa gira em torno do seguinte questionamento: quais são os impactos que os *smartphones* geram na profissão do jornalista e de que forma os aparelhos contribuem com cenários inesperados que se desenham na sociedade, como a pandemia do novo Coronavírus?

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O JORNALISMO MÓVEL (MOJO - *MOBILE JOURNALISM*)

As novas tecnologias de informação trouxeram à tona a evolução da forma com que se transmite a informação no jornalismo. Fala-se em Mojo (*Mobile Journalism - Jornalismo Móvel*), que agiliza o processo de transmissão, bem como torna mais veloz a recepção das mensagens noticiosas. Silva (2015, p. 11) explica que o jornalismo

móvel digital incorpora o *móvel* de mobilidade e o *digital* da digitalização, “do aparato técnico utilizado para conferir um rearranjo às rotinas produtivas no jornalismo e ao consumo de notícias”. Com isso, os *smartphones* se tornam protagonistas no modo de produção.

Canavilhas e Rodrigues (2017, p. 86) afirmam que a busca por audiência se acentua com essa facilidade. “Um *smartphone* permite fotografar, filmar, editar e publicar. Desse modo, para eles, a instantaneidade sobrepõe-se à profundidade, pois assim o exige a antiga audiência”. A pressão nas redações faz parte do processo de reestruturação da profissão, isso já estava presente no cotidiano, porém, atualmente, se evidencia.

Os jornalistas vivem, atualmente, num ambiente de grande pressão, sobretudo pela perda de autonomia. O papel de *gatekeeper* está agora mais dependente do comportamento dos utilizadores e dos números que as medições de audiência revelam, do que de critérios editoriais (CANAVILHAS; RODRIGUES, 2017, p. 88).

O *gatekeeper*, citado pelos autores, é o profissional que faz a seleção do que ou não publicar, com base no público do veículo de comunicação e nos critérios de noticiabilidade impostos pela empresa jornalística (SILVA; PAULA, 2012). Numa tradução livre, falar-se-ia em guardiões dos portões da comunicação, ou seja, cada integrante da redação assume a responsabilidade de liberação ou veto da informação a ser publicada. Logo, com cada pessoa exercendo uma única função na redação, a certeza sobre o interesse a respeito do que foi publicado seria absoluta. Isto é, os profissionais jornalistas trabalham em conjunto para fazer a melhor escolha. Com a ascensão do Mojo, essa filtragem é feita com um número menor de pessoas, e a responsabilidade depositada na figura do repórter é crescente.

Sobre o *Mobile Journalism*, Silva (2015) evidencia a relação indissociável entre jornalismo e mobilidade, apontando para reconfigurações da prática jornalística, devido às potencialidades que emergiram a partir das tecnologias, transformações e apropriações. De fato, a mudança exigiu mais habilidade do profissional, ao passo que proporcionou ao público maior intimidade com a rotina de produção das notícias, afinal, a população consegue ver nas ruas que os profissionais estão trabalhando com

aparelhos que são objetos em comum com todos, deixando de lado o fato de que jornalistas estão distantes da realidade do público.

2.2 CELULARES MASSIFICAM O JORNALISMO MÓVEL

No Brasil e no mundo, a prática do *Mojo* se intensifica desde que os aparelhos portáteis deixaram apenas de fazer ligações e se apropriaram de características de outros eletrônicos, ampliando sua utilização. Os *smartphones* trouxeram, além de evolução em comunicação, novas experiências profissionais.

Algumas das experiências em andamento na mídia brasileira e fora do país utilizam de forma mais consistente o celular para a produção de fotos, vídeos, *streaming* e postagem de conteúdo. As tecnologias de terceira geração são as principais responsáveis por estas práticas por permitir navegação em alta velocidade pelas redes móveis (SILVA, 2008, p. 6).

Nas redações, seja de veículos audiovisuais, como televisão e internet; de áudio, as rádios; ou impressos, jornais e revistas; os celulares ocupam posição antes pertencentes a filmadoras, câmeras, gravadores e, até mesmo, pessoas, isso tendo como base uma equipe de três integrantes (auxiliar, cinegrafista/fotógrafo e repórter), que, hoje, podem ser suprimidos. “O aparelho celular se reinventa nesta conjuntura por ser o principal artefato utilizado para dar margem a esta produção” (SILVA, 2008, p. 6). Um único profissional, por meio do *smartphone*, faz todo o trabalho, simplificando a produção.

As declarações apresentadas vêm ao encontro das adaptações e mudanças do jornalismo, visto que, ao longo da história, a imprensa se modifica conforme novas tecnologias são implementadas aos métodos; o próprio jornalismo é uma evolução da imprensa, que, antes, não continha os mesmos princípios e relevância social. Progressão de mudanças ocorreram desde a invenção da prensa de Johannes

Gutenberg,⁶ que possibilitou a impressão em escala. O surgimento da fotografia e, depois, o seu melhoramento marcaram o jornalismo.

As melhorias na reprodução de imagem, sobretudo com a fotogravura em 1851 e a heliogravura em 1905, deram um novo élan à imprensa [...] Em particular, a invenção da máquina fotográfica iria inspirar o jornalismo no seu objetivo de ser as "lentes" da sociedade, reproduzindo *ipsis verbis* a realidade (TRAQUINA, 2005, p. 38, *apud* SILVA, 2012, p. 4).

Traquina (2005, p. 53, *apud* SILVA, 2012, p. 4) se adianta no tempo e afirma que o "impacto tecnológico marcou o jornalismo do século XIX como iria marcar toda a história do jornalismo ao longo do século XX até o presente, apertando cada vez mais a pressão das horas de fechamento". Segundo ele, esse avanço iniciou a cultura do imediatismo, presente em todas as redações atualmente, e se intensificou com a chegada da internet e de eletroeletrônicos mais sofisticados.

"De novas edições dos jornais no mesmo dia à quebra da programação televisiva anunciada como boletins, novos avanços tecnológicos nas últimas décadas do século XX tornaram possível, [...] atingir o cúmulo do imediatismo" (TRAQUINA, 2005, p. 53, *apud* SILVA, 2012, p. 4). Esse imediatismo, citado por Traquina (2005), é visto, por exemplo, quando um âncora⁷ apura informações ao vivo, por meio do celular, durante um telejornal. O fato pode ser observado nos noticiários da CNN Brasil, principalmente na editoria política.

2.3 JORNALISMO, CONVERGÊNCIA E *SMARTPHONES*

Em 1973, surge o primeiro celular, nessa época era difícil imaginar que a comunicação profissional feita por veículos tradicionais teria que se adaptar ao aparelho móvel, que tinha como maior intuito fazer ligações. Mas a evolução tecnológica foi ágil, e o vislumbre da nova realidade, que agora é a presente, tornava-se possível. Em 2006, Jenkins apresentava a entrada da indústria audiovisual

⁶ Gutenberg foi inventor, e o maior legado deixado por ele foi a criação da prensa e a impressão da Bíblia, livro com 1.282 páginas. Ele nasceu em 1396 em Mogúncia, na Alemanha. O falecimento ocorreu em 1468, na mesma cidade, no Oeste alemão.

⁷ Termo técnico atribuído ao cargo de apresentação no telejornal.

cinematográfica no mundo dos celulares, agora *smartphones*, já que não fazem somente ligações.

Nos últimos anos, vimos como os celulares se tornaram cada vez mais fundamentais nas estratégias de lançamento de filmes comerciais em todo o mundo; [vimos] como filmes amadores e profissionais produzidos em celulares competiram por prêmios em festivais de cinema internacionais (JENKINS, 2006, p. 32).

O autor, por meio de um exemplo pessoal, mostra como os celulares se tornaram fundamentais para o processo de convergência. Jenkins (2006) conta que tentou, em inúmeras lojas, adquirir um celular de função única, que só fizesse o básico, porém, não encontrou o objeto. Para ele, essa é demonstração de como os aparelhos, ao se apropriarem de tantas funcionalidades, tornaram-se papel fundamental no processo de convergência, já que os *smartphones* são fabricados e colocados à venda com novas opções a cada lançamento.

Seguindo essa linha do autor, de o celular ter papel fundamental, ao colocarmos a convergência e esse aparelho em paralelo à produção jornalística, Alves (2015, p. 32) afirma que uma reportagem possui “inúmeras possibilidades de desdobramentos [...] e reconstruções de caminhos narrativos”. Alves (2015) deixa claro como a convergência é empregada no jornalismo, já que os materiais devem ser adaptados conforme o tempo e os novos recursos.

O aparelho celular traz ao trabalho profissional do jornalista uma linha de proximidade, visto que *smartphones* são objetos comuns, populares e acessíveis, comparados a outros eletrônicos usados nas empresas de comunicação audiovisual convencionais. Por mais que tenha esse ponto, a proximidade pode ser usada como ferramenta para ampliar a convergência e a aproximação com o público.

Quando compartilhamos algo com outros indivíduos, barreiras antes existentes podem ser quebradas. O jornalista, portando um *smartphone*, em vez de uma filmadora, pode estabelecer uma relação próxima a igualitária com as fontes. Ao longo do tempo, a população, ao ver nas ruas os profissionais com um equipamento semelhante ao aparelho que está em suas mãos, também poderá se sentir mais à vontade para estabelecer contato.

Alves (2015) acredita que, com todas as mudanças, a cultura das redações muda, pois os jornalistas precisam apresentar capacidade de lidar com diferentes plataformas de produção e reprodução. O assunto não é novo, inúmeras tentativas de trazer a notícia com experiência e aproximação do telespectador já foram trabalhadas, por exemplo, sugestões de pautas enviadas por ligação telefônica, mas “as tecnologias digitais ampliaram essas formas de participação e interação” (ALZAMORA; TÁRCIA, 2012, p. 31).

As autoras reafirmam a capacidade que o mundo está colocando à disposição da informação e da construção de laços fortes com uma nova forma de produzir e reproduzir, tudo ao toque da tela do *smartphone*. Em Cascavel, no Paraná, emissoras como Catve, afiliada da Rede Cultura (portal de notícias e TV), TV Tarobá, afiliada da Bandeirantes (portal e rádio), e RPC, afiliada da Globo (portal e TV) já implementam o celular nas equipes de reportagem, mudando a rotina de produção e reestruturando as funções.

2.4 A REPORTAGEM AUDIOVISUAL

Uma reportagem audiovisual (TV ou internet), permite ao espectador se aproximar da história por meio da imagem e da passagem⁸, que deve ser bem articulada para complementar o texto e ajudar na compreensão. Segundo Peixoto e Porcello (2016, p. 125), “trata-se de um momento da reportagem que precisa ser executado com esmero, para não conturbar a narrativa e, preferencialmente, para contribuir no desenvolvimento da história que está sendo contada”.

O *off*⁹ é fundamental para explicar e colaborar com a ambientação da notícia em si, trazendo ritmo ao mesmo tempo que se narram os fatos. Xavier e Rodrigues (2013) explicam:

Na televisão o *off*, texto narrado pelo repórter, que compõe a reportagem tem que estar de acordo com as imagens, o profissional tem que narrar a notícia, [...] com uma entonação firme, isto é, que transmita com credibilidade e segurança de maneira que convença o telespectador, de forma que ele

⁸ Termo técnico do momento em que o repórter aparece no vídeo.

⁹ Termo técnico relativo à narração que o repórter realiza para conduzir as produções.

compreenda a mensagem que se deseja passar (XAVIER; RODRIGUES, 2013, p. 2).

A relevância da produção depende da pauta, que deve primar pelos interesses sociais em prol da região em que o material será veiculado. “Se o jornalista escreve para seu leitor é por ele, e para ele, que deve se pautar” (LOBO, 2013, n.p.). O autor destaca a importância de conhecer o público e a realidade local.

Mas não basta a pauta, os *offs* e a passagem, as entrevistas, ou sonoradas¹⁰, são fundamentais. “A entrevista é um dos recursos primordiais para ilustrar, fundamentar e legitimar a narrativa jornalística” (MUSSE; MUSSE, 2010, p. 1)¹¹. Além de todas as questões técnicas, uma reportagem audiovisual, como qualquer outro material jornalístico que preza por excelência, ética, compromisso e respeito ao público, deve apresentar fatos checados, revisados e verossímeis.

Prado e Moraes (2018) apontam que o processo segue uma mesma linha lógica, que é a de comprovar a veracidade e a precisão do conteúdo. Segundo eles, por mais que a checagem ocorra de maneira mais intensa na editoria política, em relação à verificação de discursos, ela deve estar presente em todos os conteúdos.

Mas tudo isso se perde se não houver a preparação: o período que antecede a saída do jornalista para a rua, segundo Erbolato (2003, p. 167), deve ser de total concentração. “O repórter deve preparar-se antes da entrevista para que possa obter êxito”. O autor completa a afirmação:

O repórter deve dominar o assunto de modo razoável, a fim de conduzir a conversação. Não é suficiente que leve o questionário pré-preparado pelo seu chefe ou por especialistas no assunto. É preciso saber formular outras perguntas que porventura venham a ser provocadas pelas situações (ERBOLATO, 2003, p. 168).

Sobre o exposto, Lage (2001) faz uma colocação contundente. Ele explica que o trabalho de uma reportagem vai além do roteiro de apuração e construção de um texto correto. “Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, *insight*¹²: a partir

¹⁰Termo técnico atribuído à participação de especialistas, de fontes oficiais e da população em reportagens audiovisuais (TV e *web*).

¹¹ São dois autores com o mesmo sobrenome, não se tratando de um erro de digitação.

¹² Ideia tida no momento da observação, é como uma resolução de problema que surge de forma instantânea.

dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade” (LAGE, 2001, p. 15). Lage (2001) acrescenta a importância do olhar crítico, que pode fornecer descobertas e aspectos que poderiam passar despercebidos sem a visão treinada do jornalista que busca, no local em que está inserido, pautas relevantes para a sociedade, em prol do bem comum.

3 ANÁLISES

3.1 PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

A pandemia do novo Coronavírus é considerada a maior crise sanitária do século, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde). O ano de 2020 ficará registrado na história da humanidade e, também, na da comunicação. O vírus, que se originou no interior da China no fim de 2019, parou nações, e suas consequências foram refletidas na prática jornalística, reformulando e modificando métodos de produção. Com isso, foi aberto espaço para a ascensão dos aparelhos *smartphones*, que estão em uma onda crescente de uso nas redações.

Com a impossibilidade de coleta de entrevistas presenciais, devido ao distanciamento social e isolamento impostos pelo governo e, ainda, acrescentando à vida dos jornalistas a jornada de trabalho em *home studio*¹³, os aparelhos foram um dos principais elementos de transmissão de informações audiovisuais para os veículos de comunicação.

O período deixa claro que “o jornalista é desafiado a aprender novas tarefas e a desempenhar atividades e funções antes realizadas por outros profissionais, em um cenário de extinção de fronteiras entre as funções” (HELOANI, 2006; FIGARO, 2011;

¹³ Termo designado aos profissionais que realizam transmissões ao vivo ou gravações audiovisuais dentro de casa, em cômodo fixo ou provisório.

apud SILVA, PENTEADO, 2014, p. 62). Em entrevista ao site Meio & Mensagem¹⁴, Eduardo Tessler, que é jornalista e sócio-diretor da consultoria Mídia Mundo, afirma:

para o profissional, veículos de comunicação, com modelos antiquados, 'amparados em valores e estratégias pré-digital', encaram como desafio, por exemplo, a recessão publicitária, enquanto aqueles com um pé dentro da tecnologia e da inovação encontrarão mais facilidades em enfrentar o atual momento no Brasil (TESSLER, 2020 *apud* NAVARRO, 2020, n.p.).

Em tempos de pandemia, a informação teve que ser repassada redobrando cuidados essenciais, assim, a própria estética do jornalismo audiovisual foi deixada de lado. No ar, é possível ver baixa qualidade de imagens geradas a partir de aplicativos e sites de videoconferência. Ainda, há os profissionais dos grupos de risco, que não podem ir à empresa para trabalhar, tendo a sua própria casa como cenário dos telejornais ou web portais.

Todas essas mudanças vieram em favor de materiais completos de informação que precisam suprir uma demanda crescente, ainda que, se comparados à produção convencional, tenham uma qualidade estética inferior. Bucci (2020), professor da USP (Universidade de São Paulo)¹⁵, expressa: "com a explosão da pandemia causada pelo novo Coronavírus, o jornalismo cresce na preferência dos brasileiros".

Com o isolamento social, os jornalistas precisaram adaptar as reportagens. A principal mudança é que, durante a pandemia, os próprios entrevistados gravam as sonoras¹⁶ com os próprios *smartphones*. "É uma oportunidade espetacular de aproximar-se da audiência, de modo definitivo e relevante" (TESSLER, 2020 *apud* NAVARRO, 2020, n.p.).

Conforme a reportagem de apresentação da cobertura da pandemia da Covid-19 da empresa *OCP News*¹⁷, "o celular virou o melhor amigo [dos jornalistas]: seja para

¹⁴ Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/03/25/eduardo-tessler-o-coronavirus-renovara-a-qualidade-do-jornalismo.html>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

¹⁵ Artigo publicado no Portal Terra (2020). Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/quanto-mais-a-pandemia-do-novo-coronavirus-amedronta-mais-a-sociedade-confia-no-jornalismo,e19e5262e195960867a6702f95a60f7c0zntab6f.html>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

¹⁶ Nome técnico utilizado em redações de TV que se refere à captura de entrevistas.

¹⁷ Disponível em <<https://ocp.news/geral/em-meio-a-pandemia-equipe-de-jornalismo-do-ocp-se-coloa-na-linha-de-frente-para-repassar-informacoes-confiaveis>>. Acesso em: 10 maio 2020.

entrar em contato com [o] entrevistado, organizar a pauta do dia com a equipe, fazer uma Live [ao vivo em redes sociais] ou receber uma foto”.

A repórter Dyovana Koiwaski afirmou para a autora do material, a jornalista Natália Trentini, que “o *WhatsApp* tem facilitado a realização das entrevistas, confirmação de dados e o recebimento de fotos”. A aproximação com o público e com as fontes foi destacada na construção da reportagem, em especial pelo uso das tecnologias, como os *smartphones*.

O destaque do celular em coberturas como a citada é inevitável, por ser necessário para o prosseguimento das atividades jornalísticas, mas as regras, compromissos e conduta não devem ser esquecidos. “O papel do jornalista é fazer com que o jornal cumpra o seu dever de informar os leitores”, lembrou Grandim (2000, p. 20), em referência à função primordial de todo profissional de jornalismo.

No período de pandemia, ficaram em destaque as informações seguras, concretas, apuradas de forma consistente e, em especial, instruções de como prosseguir em meio ao momento, como orientações do uso de álcool em gel 70% e de máscaras, além do reforço do distanciamento social. Grandim (2000, p. 32) aborda que o jornalismo necessita de atenção, perspicácia, vivacidade de espírito e intelecto para a reunião de fatos e de informações, “ainda um perfeito domínio da língua em ordem a transmitir de forma adequada, essa mesma informação”. O autor afirma que o jornalista não é e não pode ser um espalhador de boatos.

Durante a pandemia, a disseminação de *fake news*¹⁸, segundo a rádio CBN¹⁹, do Grupo Globo, é um dos principais obstáculos no combate à Covid-19. “Muita desinformação já foi espalhada sobre o coronavírus, o que prejudica a ação contra a doença”, diz um trecho da reportagem intitulada *Fake news são obstáculo a mais para o combate à pandemia da Covid-19*. As empresas do grupo (G1, O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, GloboNews e TV Globo), com o projeto *Fato ou Fake*, chegaram, no começo

¹⁸ São notícias falsas, construídas com a mesma formatação de conteúdo real, mas com fatos ou fotos e vídeos deslocados temporalmente ou inventados em prol de interesses.

¹⁹ Disponível em <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/311010/fake-news-sao-obstaculo-mais-para-o-combate-pandem.htm>>. Acesso em: 07 set. 2020.

de agosto, à marca de 300 informações checadas sobre o assunto, em um trabalho de, aproximadamente, quatro meses.

A busca pelos veículos de comunicação respeitados (TV, rádio, jornal e *web*) se acentuou no período. O jornal Cruzeiro do Sul, que circula há 117 anos em Sorocaba (SP) e região, conta com uma versão *web* desde 1998; só nos primeiros três meses de pandemia (março, abril e maio), atingiu a marca de 15 milhões de visualizações²⁰. A reportagem que apresentou o dado aborda que uma grande quantidade de *fake news* é disseminada pelas mídias sociais, em especial o *WhatsApp*²¹, com isso, a procura por notícias checadas e confiáveis aumentou. “Os assinantes [...] relatam a importância e a segurança proporcionada ao saber que há uma equipe de profissionais trabalhando diariamente na apuração dos fatos”, publicou o Cruzeiro do Sul, defendendo o consumo de notícias verídicas.

3.2 DULCINÉIA NOVAES: JORNALISTA DA “VELHA GUARDA” SE REINVENTA NO PARANÁ

A Rede Paranaense de Comunicação, RPC, conta com 60 anos de mercado, passou por inúmeros acontecimentos históricos, e a pandemia do novo Coronavírus fez seus repórteres mudarem as rotinas como nunca visto antes. Profissionais que estão incluídos nos grupos de risco não podem ir às redações, com isso, foram direcionados ao *home office*.

Outra mudança foi a intensificação de entrevistas enviadas pelas próprias fontes em razão do distanciamento e do isolamento, sejam elas gravadas ou ao vivo, por meio de *sites* e aplicativos de videoconferência. Com isso, destaca-se a jornalista Dulcinéia Novaes, que exerce suas funções há 39 anos e é referência nacional em telejornalismo.

Em análise, estão duas reportagens de televisão, com autoria da jornalista, que usam do recurso da mobilidade para se completarem, e mostram a forma que o equipamento celular foi utilizado nessas produções. As produções evidenciam como

²⁰ Disponível em <<https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/pandemia-motiva-busca-por-noticia-confiavel/>>. Acesso em: 07 set. 2020.

²¹ Aplicativo de mensagens instantâneas, é um dos principais e mais utilizados pelos brasileiros.

os *smartphones* ganharam uma posição de amplo destaque, até mesmo pelo fato de profissionais da velha guarda²² do jornalismo, como é o caso da Dulcinéia, aderirem a esse modo de trabalho. A profissional já era familiarizada com a ferramenta, porém não de forma tão intensa e individual, considerando a geração de imagens sem um cinegrafista e fora dos estúdios.

A primeira reportagem analisada é a intitulada *Trabalhar em casa exige mudanças de hábito*, veiculada no telejornal *Meio-Dia Paraná* em 13 de abril de 2020 e postada na conta oficial da RPC no *Facebook*²³, apresenta como os mais diversos profissionais estão se adaptando ao *home office*. Em meio ao material, Dulcinéia apresenta sua própria rotina. Ela mostra em detalhes que o *smartphone* é sua principal ferramenta de trabalho, o protagonista nessa cobertura. A partir dele, Dulcinéia faz entradas ao vivo nos noticiários e produz todas as passagens e as entrevistas por videoconferência.

O material deixa claro que a jornalista teve que modificar seu método de produção. Em determinados momentos, ela menciona que outros profissionais da RPC tiveram que a ajudar a lidar com o celular. O cinegrafista Weliton Martins recomendou um tripé com iluminação (Tela B), já a produção do portal G1 Paraná cedeu um mini tripé para melhorar o enquadramento da imagem quando o *smartphone* está sobre uma mesa (Tela A). “Eu tive obrigatoriamente que aprender a usar com mais frequência algumas ferramentas” (NOVAES, 2020)²⁴.



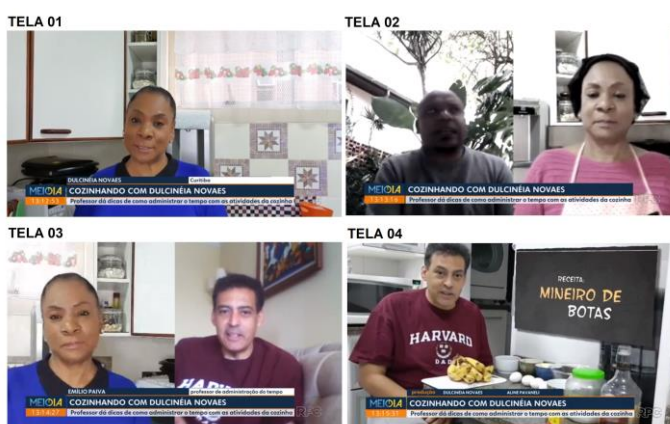
*Repórter da RPC Curitiba usa smartphone e apetrechos como iluminação e tripé para celular /
Fonte: RPC*

²² Grupo de profissionais que deram início ao telejornalismo televisivo paranaense.

²³ Disponível em <<https://m.facebook.com/rpcparana/videos/221121059162316/>>. Acesso em: 23 maio 2020.

²⁴ Trecho transcrito da declaração dada em vídeo pela própria jornalista.

A segunda reportagem é intitulada *Professor dá dicas de como administrar o tempo com as atividades da cozinha*, veiculada no telejornal *Meio-Dia Paraná* em 30 de abril de 2020 e postada no aplicativo *Globoplay*²⁵. Ela apresenta uma pauta importante para o momento: com muitas pessoas em casa, há a necessidade de aproveitar o tempo e usar os ambientes disponíveis. Dulcinéia utilizou na produção: *smartphone*, tripé e iluminação própria para esse tipo de equipamento, além de aplicativo/*site* de videoconferência; a matéria foi editada, posteriormente, com programas próprios instalados em computador.



Dulcinéia realiza entrevistas por videoconferência, e entrevistado grava material direto de casa / Fonte: RPC

O *smartphone* foi utilizado de maneira eficaz, considerando a escolha da emissora de exibir o material, a mensagem e o conteúdo foram passados, mesmo diante das falhas técnicas. Logo no início da reportagem, o enquadramento está inadequado (Tela 01), com sobra de espaço na parte superior do quadro e falta do uso de microfone próprio para celular. Após a abertura do material, Dulcinéia entrevista um chefe de cozinha por videoconferência, ambos usando o celular (Tela 02), o enquadramento está adequado, bem como a qualidade de som, apenas com problemas de resolução de imagem em decorrência do sinal de internet.

Adiante, na reportagem, o especialista em administração do tempo Emílio Paiva grava direto da sua casa, com *smartphone*, uma receita para se fazer durante a quarentena em casa (Tela 04). Pelas imagens, é possível notar a orientação que Paiva

²⁵ Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/8521591/>>. Acesso em: 23 maio 2020.

possivelmente recebeu da jornalista para possibilitar melhores enquadramentos e áudio com qualidade. O material, que dura cerca de cinco minutos, foi produzido quase que totalmente por *smartphones*, seja pelo aparelho da Dulcinéia ou dos entrevistados.

O livro *Manual de Jornalismo* da estatal EBC (Empresa Brasil de Comunicação)²⁶ deixa claro que a qualidade deve ser apresentada em qualquer material produzido. O “jornalismo da EBC persiste no zelo pela qualidade, aqui entendido como informação apurada sob rigor e exatidão e transmitida com clareza e objetividade, por profissionais preparados e em constante atualização” (EBC, 2013, p. 75). Conforme o manual, o processo tem que ser praticado dia e noite e notado pelos espectadores e demais jornalistas em todas as imagens, textos e áudios. Por meio do exposto, podemos entender que as reportagens da jornalista Dulcinéia Novaes mostram uma profissional e uma emissora que se adequaram e se atualizaram por meio da produção *mobile*, tendo como base o *smartphone*, que é, nessa nova rotina da repórter, o protagonista.

3.3 CNN BRASIL É PIONEIRA EM OPERAÇÃO PLENA E PERMANENTE COM VIDEORREPÓRTERES

A CNN (*Cable News Network*), emissora estadunidense, é o maior canal a cabo/por assinatura de notícias 24h do mundo. Foi fundada em 1980 e, atualmente, é de propriedade da *WarnerMedia*, subsidiária da AT&T (*American Telephone and Telegraph*). A CNN Brasil teve o projeto anunciado em 14 de janeiro de 2019. No país, a emissora não é uma afiliada ou empresa própria, a marca foi licenciada para uso. A empresa por trás da CNN Brasil é a Novus Mídia, corporação iniciada pelo co-fundador da MRV Engenharia, Rubens Menin, e pelo ex-vice-presidente de jornalismo da RecordTV, Douglas Tavolaro. A estreia do canal 577, na TV por assinatura, ocorreu no domingo, 15 de março de 2020.

²⁶ Este manual foi usado em razão da EBC ser uma empresa pública e ter um manual integral disponível na internet, diferentemente de outros manuais de redação de emissoras de TV, que também foram buscados, porém não estão disponíveis na *web*.

Desde a estreia, os telespectadores da CNN Brasil já começaram a ver uma descrição no canto superior direito da tela: “videorrepórter”, que aparece quando um jornalista que trabalha sozinho faz entradas ao vivo por meio de *smartphone* na grade da emissora (Tela 07). O canal usa dessa categoria de profissional para cobrir algumas capitais brasileiras²⁷ e o exterior, sendo a primeira quando se analisa o cenário brasileiro, ao aplicar a técnica de forma plena e permanente. O *kit* videorrepórter contém um tripé adaptado para celular, microfone, cabo e espuma e aplicativo que possibilita entradas ao vivo (Tela 06), dentre outros equipamentos²⁸.

TELA 06



Kit videorrepórter da CNN Brasil / Reprodução Instagram

TELA 07



Videorrepórter da CNN Brasil faz entrada ao vivo direto de Goiânia-Goiás / Reprodução Instagram

²⁷ As cidades foram solicitadas, mas a CNN Brasil não respondeu o e-mail enviado, encaminhado por meio de profissional da empresa, até a conclusão deste artigo.

²⁸ Houve tentativa de contato com a emissora, por meio eletrônico, mas sem sucesso. Portanto, as informações foram levantadas, exclusivamente, com base na observação das redes sociais dos repórteres da CNN.

Na rua, o videorepórter posiciona o *smartphone* acoplado ao tripé em sua frente e filma a si mesmo por meio da câmera frontal do aparelho (Tela 05). A qualidade de imagem é razoável (Tela 07), mas depende da conexão com a internet para as entradas ao vivo serem estáveis.

TELA 05



Profissionais trabalham sozinhos, sem cinegrafistas / Reprodução Viroupauta.com e Instagram

A segurança dos profissionais fica comprometida, uma vez que os videorepórteres da CNN Brasil trabalham em capitais estaduais, municípios mais favoráveis à violência urbana das ruas. Exemplo disso é o caso da jornalista Bruna Macedo, que foi assaltada²⁹ durante uma entrada ao vivo no telejornal *CNN Sábado Manhã* em São Paulo, no dia 27 de junho de 2020. Ela teve dois celulares roubados. O homem, autor do assalto, foi detido e identificado no mesmo dia. A profissional voltou para a sede da emissora e foi atendida por colegas.

Também existem vantagens, pois “a nova ‘modalidade’ [...] oferece mais dinamismo e praticidade” (VELOSO, 2020, n.p.)³⁰. O quadro funcional fica compacto, e a cobertura nacional pode ser feita atendendo as pautas dos estados que contam com

²⁹ Disponível em <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/06/reporter-da-cnn-brasil-e-assaltada-ao-vivo-por-homem-com-faca.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

³⁰ Disponível em <<https://viroupauta.com/2020/video-entenda-como-trabalha-um-videoreporter-da-cnn-brasil/>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

esse modelo operacional. A cobertura internacional também é realizada do mesmo modo, por meio de videorepórteres espalhados por cidades como Londres e Nova Iorque.

3.4 PROBLEMAS ACARRETADOS PELA PRODUÇÃO INDIVIDUAL COM *SMARTPHONES*

De acordo com Erbolato (2003), a equipe de produção é fundamental para a qualidade do material jornalístico. Isto é, pode-se pensar que o profissional que trabalha sozinho com o *smartphone*, realizando todas as funções, não consiga ter uma preparação adequada, já que produzir, na rua, uma reportagem com o celular demanda mais tempo, com isso, diminui-se a possibilidade de agregar mais informações sobre a pauta a ser realizada ou, até mesmo, de ocorrerem falhas de apuração em razão da sobrecarga.

Em relação à técnica, indo na linha de Peixoto e Porcello (2016, p. 125), que tratam da passagem do repórter, é possível associar o material feito a partir de *smartphones* a novos desafios do profissional no momento da reportagem, já que o jornalista deve filmar a si mesmo, tendo que pensar em todos os detalhes sem nenhuma opinião externa. “O videorepórter faz sozinho o papel de uma equipe de reportagem, normalmente composta por três pessoas: jornalista, cinegrafista e auxiliar” (VELOSO, 2020, n.p.)³¹.

Ainda estando sozinho nas ruas, o repórter audiovisual enfrenta os riscos do local, como roubos, assaltos e atentados, que, possivelmente, com uma equipe completa, teriam os riscos minimizados. “A nova ‘modalidade’ representa um grande corte de custos para a emissora [...] Porém [os jornalistas] ficam expostos a falta de segurança das ruas” (VELOSO, 2020, n.p.). O autor diz isso pensando que, como o videorepórter, estará atento ao trabalho, não iria conseguir se defender ou se proteger

³¹ Disponível em <<https://viroupauta.com/2020/video-entenda-como-trabalha-um-videoreporter-da-cnn-brasil/>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

de forma adequada, caso fique exposto a algum imprevisto, como assaltos ou atentados.

O profissional, além do exposto, pode ter outros problemas. A rotina jornalística exige, por natureza, preparação psicológica, a pressão é inevitável. Avelar (2015) entrevistou a jornalista Alexandra Tavares, do Jornal da Paraíba; a repórter, nas palavras da autora, diz que “muitas vezes não chega nem a ler os jornais concorrentes que ficam na redação, por se dedicar às pautas assim que chega ao trabalho. Quando há matéria externa com horário marcado, a correria acaba sendo maior” (AVELAR, 2015, p. 46). A autora comenta sobre o aspecto de profissional que exerce a função de repórter. Na nova realidade de produção com o celular, uma só pessoa na redação exercerá as funções de pauteiro, cinegrafista, repórter, editor e motorista. Logo, pode-se evidenciar que há um maior risco de estresse e ansiedade na vida desse trabalhador.

Conforme o médico Drauzio Varella³², formado pela USP, Universidade de São Paulo, que conta com 53 anos de experiência, o TAG - Transtorno da Ansiedade Generalizada - segundo o DSM.IV, Manual de Classificação de Doenças Mentais, é um distúrbio caracterizado pela preocupação excessiva ou expectativa apreensiva. Varella explica que a doença é persistente e de difícil controle, perdurando por seis meses, no mínimo. “[O TAG] vem acompanhado por três ou mais dos seguintes sintomas: inquietação, fadiga, irritabilidade, dificuldade de concentração, tensão muscular e perturbação do sono”.

O médico destaca que é importante lembrar que, nesses casos, o nível de ansiedade é desproporcional aos acontecimentos geradores do transtorno, “causa muito sofrimento e interfere na qualidade de vida e no desempenho familiar, social e profissional dos pacientes”. Ele ainda comenta que o transtorno da ansiedade generalizada pode afetar pessoas de todas as idades, desde o nascimento até a velhice. Varella coloca que, em geral, as mulheres são um pouco mais vulneráveis do que os homens, o que reflete fortemente dentro das redações jornalísticas em televisão, em

³² Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/ansiedade-transtorno-de-ansiedade-generalizada/>>. Acesso em 07 set. 2020.

que há um maior número de profissionais do sexo feminino, argumento que se ampara na simples observação das transmissões televisivas.

Varella também fala sobre a Síndrome de *Burnout*³³. Conforme o médico, a principal característica da doença é o estado de tensão emocional e estresses crônicos em virtude das condições de trabalho. “A síndrome se manifesta especialmente em pessoas cuja profissão exige envolvimento interpessoal direto e intenso”. O profissional apresenta que outro sintoma é a sensação de esgotamento físico e emocional, e que dentre as consequências está a ansiedade.

3.5 OS PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO

A forma mais direta para entender a mudança da rotina na produção do jornalismo audiovisual, provocada pela livre inserção do celular, é falar com o profissional que está em meio a essa nova realidade. Por meio de depoimentos de jornalistas³⁴ que atuam em Cascavel, no Paraná, onde a pesquisa se desenvolveu, identifica-se que esta nova forma de produzir notícia é uma realidade que vai continuar gerando impacto nos padrões que, outrora, foram exigência no telejornalismo, a qualidade da imagem, por exemplo. O formato de coleta de dados por meio da entrevista foi escolhido por ser “uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível” (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 17 *apud* JUNIOR; JUNIOR, 2011, p. 239).

³³ Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-burnout-esgotamento-profissional/>. Acesso em 03 dez. 2020.

³⁴ O autor desta pesquisa, Silvio Matos, realizou entrevistas estruturadas com quatro profissionais diplomados jornalistas que trabalham ou trabalharam em veículos de comunicação audiovisuais. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG), órgão vinculado à Plataforma Brasil do Ministério da Saúde. Os integrantes da pesquisa, bem como os locais e ex-locais de trabalho, serão identificados apenas por siglas formadas pelas iniciais dos nomes, como ordena o Comitê de Ética. As entrevistas foram devidamente autorizadas por cada pessoa consultada. A coleta de dados foi realizada nas dependências da FAG, nos dias 06, 07, e 08 de outubro. O uso do espaço foi autorizado previamente pela instituição de ensino.

O jornalista E.A.C., que é editor-chefe da R.T.R., indagado sobre o que entende por jornalismo *mobile*, destaca os *smartphones* e aborda a pandemia do novo Coronavírus. “Eu entendo que é o jornalismo feito com o celular [...] É algo que se tornou muito comum agora na pandemia, por exemplo”, o jornalista complementa, afirmando que, antes da pandemia, em específico na televisão, entrevistas e imagens de *smartphones* eram veiculados a partir de um filtro de alta exigência, ou seja, teria que ser uma informação indispensável para a notícia, não sendo comum, principalmente nas redes nacionais, a entrada de imagens de celular. Exigência que foi quebrada diante da nova realidade instaurada, personagens que estão ali para apoiar a história passaram a ser bem-vindos até mesmo com depoimentos produzidos pelo aparelho móvel de telefone.

A.O., que dirigiu o portal de notícias C.C., define jornalismo *mobile* como aquele que pode ser feito a qualquer hora e em qualquer lugar. “Inclusive dá a possibilidade de se ter mais fontes na notícia, porque qualquer um pode colaborar com o jornalismo de qualquer lugar que esteja”. A jornalista diz que a empresa onde trabalhava teve adaptação rápida ao uso dos celulares, porque foi constatado que não era mais viável usar equipamentos como câmeras filmadoras.

Era necessário para ganhar mais agilidade, principalmente com conteúdos de internet, atrelando o uso de celular [como filmadora] a aplicativo de mensagem, o WhatsApp. Poucas pessoas tiveram dificuldade no início, porque a maioria já estava adaptada a usar o celular no cotidiano. Única coisa que tivemos que adaptar era a questão de qualidade, mais relacionado ao formato, do que o próprio uso dos aparelhos (A.O., 2020, n.p.).

A.G., repórter da TV T., coloca a pandemia como um momento revolucionário, nas palavras dela, para a ascensão dos *smartphones* nos veículos audiovisuais. “Com o celular foi muito mais prático e auxiliou, porque conseguimos gravar entrevistas por meio do WhatsApp, por chamada de vídeo, também pelo Skype³⁵ e pelo aplicativo Zoom³⁶”. A.G. afirma que, se não fossem os *smartphones*, “eu acho que não íamos conseguir informar do modo que a gente tem informado”. A profissional deixa claro que a empresa não forneceu treinamento, e os colaboradores tiveram que aprender o

³⁵ O Skype é um *software* que permite comunicação pela internet através de conexões de voz e de vídeo.

³⁶ O Zoom é um aplicativo de celular e de computador que possibilita chamadas de vídeo e de voz.

que fosse necessário por conta própria. Segundo ela, essa ausência de ensino prejudicou as primeiras experiências com aplicativos de videochamada, ocasionando atrasos nas entrevistas agendadas. “Na televisão é muito corrido, não temos muito tempo para parar e pesquisar como usar novas ferramentas. A falta de treinamento pode ser vista como uma falha”, enfatiza a repórter A.G.

L.B.O.D., profissional que trabalhou em jornal, rádio, televisão e *web*, diz que, em muitos casos, um fato acontece na frente da pessoa, mas o jornalista não está com o equipamento da empresa ou não tem tempo de ligar para o veículo de comunicação solicitando filmadoras, tripés e microfones, e o celular acaba sendo a única opção para salvar a pauta, e a instituição jornalística conseguir veicular o fato. “O celular além de filmar, serve como plataforma para escrever os nossos *offs* dentro dos carros de reportagem, otimizando o tempo. É um jornalismo feito pelo celular, sem falar na parte de busca por conteúdo que é facilitada”. L.B.O.D. acrescenta que, com o *smartphone*, fica mais fácil ir atrás de informações a qualquer momento, assim, enriquecendo o material que será apresentado aos espectadores.

A jornalista ressalta que, nos últimos anos, as empresas começaram a perceber a necessidade de mais aparelhos modernos que dispunham da qualidade necessária para manter as operações do setor. “As últimas duas empresas que eu trabalhei tiveram que renovar o estoque de celulares e dar um para cada profissional para se adaptarem e produzirem com os aparelhos. Isso ocorreu nos últimos três anos, pelo que me recordo”.

A ex-editora-chefe de portal, A.O., expõe que o público quer informação acima de qualquer outra coisa e diz que não houve grandes alterações nos quadros funcionais. “O celular ocasionou uma mudança de mercado, mais focada na adaptação ao equipamento do que a supressão de cargos”. Ela afirma que qualquer mudança gera medo, porém são necessárias. “Qualquer profissional bom tem que estar sempre atualizado, procurando melhorar, aprender mais e estar atento às exigências do segmento de trabalho”.

E.A.C. concorda com A.O. no que diz respeito à relevância da notícia ser maior que os critérios de qualidade técnica. “No factual o que importa é a notícia, é a informação, e ela tem que chegar de alguma forma ao telespectador, claro que

passando por todo o crivo de avaliação e de checagem de fontes”, afirma o editor-chefe da R.T.R.

Em relação à independência dada ao jornalista, que, em tese, pode executar boa parte das funções sozinho, E.A.C. expõe que a independência do repórter de rua que sabe fazer mais do que diz no contrato de trabalho é fundamental, pois o profissional pode auxiliar o cinegrafista e otimizar a produção das reportagens. “Ambos podem realizar a captura de imagens, e os olhares diferentes contribuem com o conteúdo. O celular ainda ajuda as equipes no sentido de emergência, o repórter pode entrar ao vivo de onde estiver bem mais rápido”. E.A.C. acredita que a mudança veio para ficar e que podem ocorrer demissões em algumas empresas, mas ele não vê jornalismo audiovisual sem cinegrafistas.

O cinegrafista trabalha junto com o repórter, porém são funções distintas. O repórter dificilmente tem tempo de se preocupar com detalhes de imagens e de enquadramento que o cinegrafista já tem o olhar preparado para isso. Eu vejo que um não vai substituir o outro, mas vão se ajudar (E.A.C, 2020, n.p).

A repórter A.G. explica que o uso de *smartphones*, principalmente em portais de notícias, concordando com o dito por A.O., é realidade há alguns anos. “Os portais deram um ‘boom’ aos celulares, porque nesses veículos os espectadores são pessoas que querem consumir informação de uma forma muito rápida e objetiva”. Segundo ela, o cinegrafista, ou mesmo o repórter, tem a facilidade de ir até os locais das pautas portando celular e reportar de forma rápida, encaminhando para redação o conteúdo de forma prática. “Com as empresas de comunicação operando mais de um veículo, o celular contribui, porque posso gravar ao mesmo tempo uma entrevista para TV e rádio e logo em seguida o conteúdo ser veiculado”. A organização em que a repórter trabalha possui rádio, TV e portal de notícias; desse modo, uma única saída à rua gera conteúdo para todas as plataformas, sendo essencial o uso dos *smartphones* nesse processo multimídia.

L.B.O.D., que trabalhou cerca de quatro anos com o celular, ficou com sequelas, um problema no braço direito prejudica o movimento do membro e causa dores quase que diárias, ocasionado pelo uso excessivo do aparelho. Para ela, não existe valor monetário que pague os problemas físicos e mentais originados pela operação

independente do repórter de rua. “Eu acho que o dinheiro e a alegria de produzir um material todo sozinho não vai pagar todos esses problemas. No meu caso tive o dano no braço, a ansiedade acentuada e a ‘correria’ de saber que eu vou ter que fazer tudo sozinha, não é nada bom isso”. Esse relato está diretamente ligado ao que esta pesquisa levantou como possível prejuízo dessa nova realidade, colocando a ansiedade como um dos problemas enfrentados pelos jornalistas.

Indo para as fontes da notícia, todos os quatro profissionais destacaram que os entrevistados se sentem mais à vontade e tranquilos quando são gravados por aparelhos *smartphones*, perdendo a timidez e falando de forma mais natural, se comparado a entrevistas gravadas por filmadoras.

Quando a gente chega com aquela câmera enorme, tripé e o cinegrafista liga a luz, a pessoa entrevistada trava na hora e com o celular isso não acontece, justamente porque a pessoa também tem um celular, ela está acostumada a usar o aparelho, a se auto gravar. Eu acho que não pesa tanto, porque é uma coisa que está no meio do entrevistado. Ninguém sai por aí com câmeras enormes em mãos, não é algo do cotidiano, e o celular, não, todo mundo tem um aparelho. Realmente deixa a pessoa muito mais tranquila com o jornalista gravando com o celular (A.G, 2020, n.p.).

A opinião de A.G. reflete o exposto pelos demais entrevistados neste artigo. Os *smartphones*, para eles, cumprem papel importante para conseguir capturar boas histórias de forma natural e sem medo por parte do entrevistado. Esse é apontado como um dos principais benefícios dos aparelhos que foram incorporados à rotina jornalística.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do novo Coronavírus mexeu com a prática jornalística, principalmente com os profissionais que foram afastados das redações, como foi o caso da repórter Dulcinéia Novaes, da RPC. O período mostrou que os *smartphones*, que vinham em uma onda crescente de uso, acabaram se tornando a única opção para, por exemplo, a realização de entrevistas e as participações de repórteres isolados nos telejornais.

Com o apoio de outros profissionais e vontade de se reinventar, Dulcinéia mostra que o jornalismo enfrenta crises, mas sempre com o compromisso de qualidade da informação. O celular, nas mãos dela, fez o mesmo papel que uma filmadora exerceria na rua, deixando claro que o profissional permanece, mas se adequa a cada período temporal e atende ao protagonismo dos equipamentos em evidência a cada época. O celular havia sido deixado de ser um mero telefone para se tornar parte da rotina de trabalho e, com a pandemia, isso ficou ainda mais evidente.

As técnicas de telejornalismo se adaptam a mais uma tecnologia, que não é exclusiva das empresas jornalísticas. Os aparelhos celulares são acessíveis, diferentemente das câmeras filmadoras profissionais usadas nos estúdios de televisão. A tecnologia móvel faz parte da rotina da audiência, que auxilia na produção de conteúdo, gerando, inclusive, maior identificação entre público e emissora de TV. Esse novo método de produção audiovisual com *smartphones* diminui equipes, ao mesmo tempo em que abre uma possibilidade para os profissionais se reinventarem. Eles ganham a oportunidade de crescimento pessoal e humano a partir do uso dessa ferramenta.

A TV completa, no Brasil, em 2020, 70 anos, e, por meio das emissoras de comunicação, a história recente da humanidade foi registrada e continuará sendo, independentemente da forma com que a imagem será capturada ou se será publicada só na TV ou em conjunto com a internet. O compromisso social, em destaque, faz a profissão ser fundamental para toda a população, que necessita de informação com qualidade e verdade, a fim de conquistar direitos, exigir explicações do poder público e privado, bem como tentar construir um mundo melhor, visando ao bem comum. A democratização da forma de produzir televisão é positiva, apesar dos desafios. Problemas técnicos, de segurança e de saúde pessoal existem, mas o mercado pede redução de custos operacionais. O jornalismo, com os *smartphones*, entrou de forma plena e definitiva para a realidade do mundo de alta velocidade, convergente e interativo, ou seja, está presente no mundo digital.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wanessa Medeiros. **Linguagem transmídia, uma narrativa para a arte de se fazer jornalismo**, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126664>>. Acesso em 26 mar. 2020, às 14h25.

ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. **Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo**. SBPjor / Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401/370>>. Acesso em 25 mar. 2020, às 16h55.

AVELAR, Hallita Amorim César Fernandes. **As “Novas” Mídias e as Rotinas Produtivas dos Cadernos de Economia do Jornal da Paraíba e Correio da Paraíba**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 156, 2015. Disponível em <<http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/documentos/dissertacoes-2015/dissertacao-definitiva-dvd-hallita.pdf>>. Acesso em 24 out. 2020, às 22h36.

BRANDÃO, Lucas. **O compromisso do jornalismo com a sociedade e a verdade**. Comunidade, Cultura e Arte, 2019. Disponível em: <<https://www.comunidadeculturaearte.com/o-compromisso-do-jornalismo-com-a-sociedade-e-a-verdade/>>. Acesso em 29 mar. 2020, às 17h15.

BREVE, Nelson. **Somente a verdade. Manual de Jornalismo da EBC**, Brasília: EBC, 2013. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/institucional/sites/_institucional/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf>. Acesso em 23 maio 2020, às 16h.

BUCCI, Eugênio. **Quanto mais a pandemia do novo coronavírus amedronta, mais a sociedade confia no jornalismo**. Portal Terra, 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/quanto-mais-a-pandemia-do-novo-coronavirus-amedronta-mais-a-sociedade-confia-no-jornalismo,e19e5262e19596087a6702f95a60f7c0zntab6f.html>>. Acesso em 29 mar. 2020, às 16h.

CANAVILHAS, João e RODRIGUES, Catarina. **Jornalismo Móvel: Linguagem, Gêneros e Modelos de Negócio**. 1. ed. Covilhã: UBI, 2017. Disponível em: <http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/201703301136-201704_jdm.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2019, às 22h.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo**, 1. ed. Covilhã: UBI, 2000. Disponível em: <https://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110826-gradim_anabela_manual_Jornalismo.pdf>. Acesso em 10 maio 2020, às 23h.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture**, New York: New York University, 2006. Tradução de Susana Alexandria, 2. ed. São Paulo: Aleph, 2015. Disponível em: <https://www.nucleodepesquisadosexvotos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/cultura_da_convergencia_-_henry_jenkins.pdf>. Acesso em 04 ago. 2020, às 21h50.

JÚNIOR, Álvaro Francisco de Britto; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Revista Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, (p. 237-250), 2011.

JUNIOR, Heloani. **O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida. Interações**, 2006. R. Figaro. **A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores. Trab Educ Saúde**, 2011 in PENTEADO, Regina Z. SILVA, Eliane C. Caracterização das inovações do telejornalismo e a expressividade dos apresentadores, Scielo, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/acr/v19n1/2317-6431-acr-19-1-0061.pdf>>. Acesso em 10 maio 2020, às 22h30.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>>. Acesso em 18 ago. 2020, às 16h30.

LOBO, T. **Sobre o papel social do jornalismo**. Porto Alegre: Observatório da Imprensa, 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/_ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/>. Acesso em 28 jul. 2020, às 12h.

MORAES, O.; PRADO, J. G. **A checagem de fatos (fact-checking) como nova prática jornalística: história, crescimento e profissionalização**. Belo Horizonte: Intercom Sudeste, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0323-1.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2020, às 21h.

MUSSE, C.; MUSSE, M. **A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações**. RuMoRes, v. 4, n. 8, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209>>. Acesso em 30 jul. 2020, às 22h.

NAVARRO, Victória. Tessler. **O coronavírus renovará a qualidade do jornalismo**. Meio & Mensagem, 2020. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/03/25/eduardo-tessler-o-coronavirus-renovara-a-qualidade-do-jornalismo.html>>. Acesso em 26 mar. 2020, às 15h.

NOVAES, Dulcinéia. **Professor dá dicas de como administrar o tempo com as atividades da cozinha**. RPC, 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8521591/>>. Acesso em 23 maio 2020, às 10h.

_____. **Trabalhar em casa exige mudanças de hábito**. RPC, 2020. Disponível em: <<https://m.facebook.com/rpcparana/videos/221121059162316/>>. Acesso em 23 maio 2020, às 13h.

PEIXOTO, F.; PORCELLO, F. **Quando o repórter aparece na TV: o corpo e a voz da notícia no telejornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://ec.ubi.pt/ec/22/pdf/ec-22-07.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2020, às 21h30.

RODRIGUES, L.; XAVIER, A. **Técnicas e Práticas para elaborar reportagens telejornalísticas**. Manaus: Intercom Norte, 2013. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0170-1.pdf>>. Acesso em 28 jul. 2020, às 10h.

SILVA, Fernando Fimino da. **Jornalismo Móvel: Coleção Cibercultura**. 1. ed. Salvador: UFBA, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18003/1/jornalismo-movel-miolo-repo.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2019, às 21h.

_____. **Jornalismo e tecnologias da mobilidade: Conceitos e configurações**. São Paulo: UFBA, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Fernando_Silva58/publication/242743972_JORNALISMO_E_TECNOLOGIAS_DA_MOBILIDADE_Conceitos_e_onfiguracoes_1/links/55a13a8308aec9ca1e63d5e2/JORNALISMO-E-TECNOLOGIAS-DA-MOBILIDADE-Conceitos-e-onfiguracoes-1.pdf>. Acesso em 26 mar. 2020.

SILVA, Rodrigo C. **História do Jornalismo: evolução e transformação**. João Pessoa: Revista Temática - Insite, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/viewFile/23677/12984>>. Acesso em 16 ago. 2020, às 21h.

SILVA, Daiana Oliveira, PAULA. Leciele Maria Segantini de. **Gatekeeper, Teoria e importância no jornalismo**. Três Lagoas - MS: AEMS, 2014. Disponível em <<http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2012/downloads/2012/humanas/Gatekeeper,%20TEORIA%20E%20IMPORT%C3%82NCIA%20NO%20JORNALISMO.pdf>>. Acesso em 27 ago. 2020, às 22h.

VELOSO, L. **Vídeo: Entenda como trabalha um “videorepórter” da CNN Brasil**. VirouPauta.com, 2020. Disponível em: <<https://viroupauta.com/2020/video-entenda-como-trabalha-um-videoreporter-da-cnn-brasil/>>. Acesso em 31 jul. 2020, às 09h30.

TRENTINI, Natália. **Em meio à pandemia, equipe de jornalismo do OCP se coloca na linha de frente para repassar informações confiáveis**, OCP News, 2020. Disponível em: <<https://ocp.news/geral/em-meio-a-pandemia-equipe-de-jornalismo-do-ocp-se-coloca-na-linha-de-frente-para-repassar-informacoes-confiaveis>>. Acesso em 10 maio 2020, às 21h40.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

THE RESTRUCTURING OF AUDIOVISUAL JOURNALISM THROUGH SMARTPHONE PRODUCTION

ABSTRACT: When the cell phone was invented in 1973, journalists did not imagine that a device that only made calls and did not fit in the pocket, would be in the 21st century a component item of reporting kits and even one of the only image generation equipment for audiovisual journalism, reducing teams of approximately four people (driver, technical assistant, cameraman and reporter) to a single collaborator (videoreporter). This research presents, by means of theorists and professionals, a discussion about the way smartphones are inserted in newsrooms, how they are used, the advantages and disadvantages of the equipment and also the possible problems that cell phone production can bring, both to the journalist and the communication vehicle.

KEYWORDS: Journalism; Smartphone; Cell; Mobile; Audio-visual; Restructuring.